INFINITUM
ISSN: 2595-9549
Vol. 8, n. 15, 2025, 216 - 224
DOI: https://doi.org/10.18764/2595-549v8n15e23622

RESENHA

FERRARI, Pollyana. **A ERA DO PROMPT: inteligência artificial, colonialismo, devires e desinformação** [recurso eletrônico]. Cachoeirinha: Fi, 2024[1].

Matheus dos Reis Gomes
Instituição: Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)
E-mail: matheusdosreisgomess@gmail.com
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5534-8886

O livro *A era do prompt: inteligência artificial, colonialismo, devir e desinformação*, escrito por Pollyana Ferrari[2] e publicado em 2024 pela editora Fi, examina criticamente o impacto da inteligência artificial (IA) nas esferas social, cultural e econômica. Dividido em seis capítulos, a obra investiga como a IA está reconfigurando a sociedade contemporânea, especialmente no que diz respeito à desinformação, ao colonialismo digital e às transformações nas dinâmicas de poder.

Produzido em um período marcado pela rápida evolução tecnológica e pelo crescente uso de IA em diversas áreas, o livro de Ferrari surge em um momento crucial.

[1] O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.

[2] Pollyana Ferrari é Livre Docente em Comunicação e Educação pela PUC-SP, doutora e mestre em Comunicação Social pela Universidade de São Paulo (USP). Ela atua como professora no Departamento de Comunicação e no Programa de Pós-Graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital (TIDD), ambos na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Pollyana é autora de 11 livros sobre comunicação digital, entre eles *Descolonizar pelo afeto* (Veríssima, 2023), *Como sair das bolhas* (2ª edição, Educ, 2021), *Jornalismo Digital* (4ª edição, Contexto, 2010) e *A força da mídia social* (2ª edição, Estação das Letras e Cores, 2015).

A autora explora como a IA, por meio de algoritmos, está moldando não apenas a informação que consumimos, mas também as estruturas sociais e políticas que sustentam nossa era digital. A relevância do tema é evidenciada pela urgência em compreender os impactos éticos, sociais e culturais dessas tecnologias emergentes.

Nesta resenha, procuro analisar criticamente os principais temas abordados por Ferrari, destacando como a IA está sendo utilizada para reconfigurar a mídia, as relações sociais e o conhecimento humano. Além disso, exploro as implicações éticas e políticas da proliferação da IA questionando seu potencial para perpetuar desigualdades e aumentar o controle corporativo sobre a informação.

Pollyana Ferrari (2024), no primeiro capítulo intitulado *A desincorporação do ser humano*, explora como, no espectro do pensamento contemporâneo, a desincorporação do humano emerge como um fenômeno de ressonância interna. O esgotamento dos consumidores perante o fluxo incessante de notícias, a relutância das redes sociais em promover artigos informativos e a inserção de respostas diretas por meio de IA suprimindo a necessidade de direcionamento a sites externos, não apenas desnuda o comportamento midiático, mas também reflete a metamorfose do consumo informativo.

As criações da OpenAI, como Sora, e outras ferramentas de Inteligências Artificiais Generativas (IAGs), reconfiguram a paisagem midiática e laboral, substituindo a criatividade humana por algoritmos. Segundo a autora, estamos presenciando a substituição das mídias tradicionais por entretenimento e IA, impactando de forma desmesurada comunidades menores, já desprovidas de veículos informativos locais, onde a circulação desregrada de desinformação em plataformas de mensagens torna-se predominante, sem qualquer crivo ético ou social. Este fenômeno acentua a vulnerabilidade informacional dessas localidades. No entanto, o discurso oficial das empresas de IA promete soluções para problemas complexos, mas esconde a desvalorização do trabalho humano.

A imprensa, outrora um bastião da informação, sucumbe à saturação de notícias e à hegemonia das redes sociais, que filtram a verdade através de algoritmos desprovidos de ética. Adentrando a segunda década do século XXI, a solidão digital emerge com vigor, sobretudo entre os nativos digitais, enquanto narrativas e imagens artificiais, engendradas pela IA, ascendem ao protagonismo. Nesse cenário, a manipulação biométrica de rostos e corpos, bem como o controle das vontades e conhecimentos, fortalece-se, alimentada pela indústria da desinformação.

A hegemonia das *big techs*, alimentada pela coleta incessante de dados, permanece opaca e irregulável, desafiando a transparência e a justiça. A hipermídia, que inicialmente prometia democratizar a informação, agora se revela uma ferramenta de controle e manipulação, potencializando a solidão e o isolamento. Essas reflexões delineiam um panorama onde o potencial benéfico da IA convive com seus efeitos deletérios, convidando a uma análise profunda e crítica das transformações em curso na sociedade digital. Vivemos em um tempo de hipermobilidade e ubiquidade, onde a distinção entre real e virtual se dissolve.

No segundo capítulo, *Descolonialize-se*, a autora discute como a IA demanda um projeto colonizador e racista. A discussão se estende à IA, vista como uma ferramenta que, se não for projetada com um enfoque descolonizador e antirracista, pode causar mais danos do que benefícios. Abrir-se ao diálogo, como coloca Ferrari (2024), exige um tipo especial de afeto que nos capacite a transcender e, sobretudo, a navegar pelas bolhas sociais e digitais que têm definido nosso convívio. Isso se aplica a todas as áreas produtivas, incluindo educação, tecnologia da informação, governança e comunicação. A necessidade de narrativas locais e humanas é enfatizada, contrastando com a predominância de imagens sintéticas e dados coloniais gerados por grandes empresas de tecnologia.

Ao longo da obra, notamos que a desinformação é explorada como um grande parasita deste século, manipulando a opinião pública por meio de notícias falsas e

CC BY

métodos de manipulação como *deepfakes*. A IA generativa, destacada desde 2022, continua a gerar debates sobre ética, regulamentação e seus impactos na sociedade. Progressivamente, utilizamos a informação para consumo e outros objetivos individualistas, perpetuando uma desinformação que, no século XXI, opera para desmantelar a esfera pública. Na perspectiva de Ferrari (2024), as *big techs* promovem uma lógica que perpetua a colonialidade, a desigualdade e a desinformação. A assimetria de poder se manifesta claramente no discurso sincronizado entre diversos atores sociais e meios de expressão que ecoam os interesses das corporações, contribuindo para a manutenção da hegemonia do capital.

A transformação social na vida cotidiana inevitavelmente passará pelo uso da IA, um caminho sem retorno. A discussão sobre o uso de IA, particularmente na formação educacional e na criação de conteúdo, deve destacar tanto os benefícios quanto os riscos, incluindo a exploração de trabalhadores mal remunerados na produção de dados para treinamento de modelos de linguagem. A questão crucial é como usaremos a IA generativa: para aprimorar a medicina, combater as mudanças climáticas e a desinformação em massa, para criar empregos para milhões de refugiados e como uma ferramenta educacional complementar? Ou, ao contrário, reforçaremos colonialismos, sexismo, racismo e outros males?

No capítulo seguinte, *Desinformação e telas*, a autora examina uma gama de tópicos interligados, desde representações culturais e sociais até desafios da IA e da desinformação. Abordando também o papel das grandes empresas de tecnologia, que, como as antigas companhias coloniais, exercem influência e controle sobre a sociedade, Pollyana Ferrari (2024) enfatiza que a questão racial e o apagamento histórico são elementos fundamentais para compreender as estruturas de poder e dominação.

Refletir criticamente sobre os limites da IA e das tecnologias digitais não implica negar suas potencialidades, mas sim alertar para a necessidade premente de desmistificá-las. A obra suscita o questionamento de que, cada vez que se levanta o

CC BY

problema de regular os meios de comunicação de acordo com os princípios constitucionais, surge uma reação intensa que rotula qualquer tentativa de regulação como censura. A desinformação não se limita ao campo político diário. Embora as *fake news* não sejam novidade, sua disseminação foi revigorada com a explosão de informações geradas e compartilhadas nas redes sociais, descentralizando o poder de emissão dos jornalistas e expandindo-se entre os cidadãos comuns.

O capítulo de Pollyana Ferrari (2024) nos convida a considerar não apenas os desafios imediatos da desinformação e da IA, mas também a necessidade de uma reflexão sobre as estruturas de poder e as dinâmicas sociais que moldam nossa era digital. A questão central não é apenas a regulamentação dos meios de comunicação ou a disseminação de *fake news*, mas sim a preservação da integridade histórica e o fortalecimento das democracias frente às novas formas de manipulação e controle.

No quarto capítulo, *Guerra de narrativas*, o livro de Pollyana aborda a discussão sobre como a técnica sempre esteve ligada aos avanços sociais. O apagamento histórico e a indústria da desinformação operam incessantemente para nos infantilizar e neutralizar as diferenças. Vivemos em telas projetadas e programadas por algoritmos das *big techs*, que empregam estratégias colonizadoras semelhantes às da Companhia das Índias do século XVII, que saqueava ouro e pedras preciosas das colônias, agora saqueiam nossos dados, rostos e pegadas – iludindo-nos com ofertas de armazenamento ilimitado na nuvem, filtros que alteram nossa aparência, promovem o consumo desenfreado e fácil, além de reforçarem a meritocracia.

A IA existe há bastante tempo, exemplificada pelo teste de Turing, entre outros marcos, assim como a desinformação. O que mudou, na esteira da autora, foi a escala e a fluidez das interações. A sociedade mudou, e a comunicação é essencial para construir memória e sentido nesse novo contexto social. Dessa forma, no contexto delineado por Pollyana, o quarto capítulo revela como a técnica sempre acompanhou os avanços sociais, embora agora enfrentemos um apagamento histórico e uma

indústria da desinformação que continuamente nos infantilizam e neutralizam nossas diferenças. Dentro de um ambiente digital projetado por algoritmos, enfrentamos estratégias que ecoam práticas colonizadoras.

A era contemporânea, marcada pela interseção entre a tecnologia digital e a informação, expõe uma dicotomia intrigante: enquanto a palavra 'autêntico' é proclamada como central para a verdade e integridade, a realidade revela um cenário sombrio de desinformação e manipulação digital. Este é um dos temas do quinto capítulo, *Regular é preciso*. Neste capítulo, a autora destaca diversos autores e pesquisadores que exploram como as plataformas digitais, através de algoritmos e interações superficiais, ampliam os discursos de ódio e a disseminação de falsidades, ignorando muitas vezes a necessidade de regulação e educação midiática. A ascensão dos influenciadores digitais e das IAGs introduz novas dinâmicas na produção de conteúdo, desafiando os modelos tradicionais de mídia e suscitando questões éticas sobre transparência e controle.

As tecnologias digitais, longe de simplificar as interações humanas, parecem restringir nosso horizonte de experiência, ampliando divisões sociais e políticas. Percebemos, imersos nos fluxos da sociedade informacional em 2023, que os formatos transmidiáticos e a IA se tornaram concorrentes dos jornalistas. A interação aprimorada oferecida por essas tecnologias levanta questões éticas fundamentais, que precisam ser assimiladas tanto por influenciadores humanos quanto por *bots*. A aprendizagem ética, nesse sentido, surge como um desafio crucial para todos os agentes envolvidos na produção e disseminação de informação neste novo ambiente digital.

Este panorama não apenas transforma radicalmente os meios de comunicação, mas também revela desafios éticos e sociais emergentes. Imersos na sociedade informacional de 2023, os formatos transmidiáticos e a IA competem com jornalistas, levantando questões éticas fundamentais que precisam ser abordadas por todos os

agentes envolvidos na produção e disseminação de informação neste novo ambiente digital.

Por último, no sexto capítulo, *Dataficação da vida*, Ferrari (2024) entende que as tecnologias digitais operam sob um reducionismo que simplifica o mundo ao que pode ser calculado, restringindo sua diversidade ao transformar ações em dados. Esse processo de 'dataficação da vida' permite o monitoramento e a projeção de cenários de maneira cada vez mais imperceptível nos sistemas materiais e simbólicos.

Ao alimentarmos os algoritmos com pequenos desejos em vez de realidades, estamos inadvertidamente contribuindo para a formação de padrões que podem voltar-se contra nós mesmos. Tal compreensão se torna evidente no campo do consumo e, especialmente, na indústria da beleza, onde privilegiamos um mercado que desvaloriza o corpo real. Ao pretender lidar com a realidade como um todo, enquanto a reduzimos ao computável, o modelo de inteligência dataficada, expresso por meio de dispositivos digitais, limita-se a mediações incapazes de abranger a pluralidade de formas de conhecimento. O espaço contemporâneo se transformou em um rizoma, um sistema de raízes que se estendem indefinidamente. Embora isso escape à percepção cotidiana, o suporte físico tornou-se irrelevante. No entanto, essa experiência do rizoma pressupõe a presença do outro, algo que tendemos a esquecer nos tempos líquidos dominados por IAGs.

Portanto, no contexto da dataficação da vida, a tecnologia digital reduz a complexidade do mundo a dados calculáveis, simplificando a realidade em padrões abstratos. Ao alimentar algoritmos com desejos em vez de realidades, corremos o risco de moldar um futuro que negligencia a verdadeira complexidade da existência humana. A inteligência dataficada oferece percepções limitadas, incapazes de abranger as diversas formas de sabedoria e experiência. Assim, o rizoma contemporâneo se estende sem raízes físicas, exigindo a presença essencial do outro, muitas vezes esquecido na fluidez das interações digitais.

Em conclusão, *A era do prompt: inteligência artificial, colonialismo, devir e desinformação*, de Pollyana Ferrari (2024), oferece uma importante análise sobre os impactos multifacetados da IA na sociedade. A obra destaca como a IA transforma radicalmente a mídia, a informação e as relações sociais, ao mesmo tempo em que amplifica desigualdades e desinformação. Ferrari argumenta que a digitalização intensifica a solidão digital, promove a substituição da criatividade humana por algoritmos e fortalece o controle corporativo sobre dados e conhecimento.

Ao longo dos seis capítulos, a autora explora temas que vão desde a desincorporação do humano até a necessidade urgente de narrativas locais e descolonizadas. Ela discute como a IA, se não regulada de maneira ética e antirracista, pode perpetuar estruturas de poder coloniais e racistas. Ferrari também aborda a ascensão da desinformação, a manipulação através de *deepfakes* e a hegemonia das grandes empresas de tecnologia, que operam opacas e irreguláveis, desafiando a transparência e a justiça.

A obra é uma contribuição valiosa para o debate sobre o impacto da IA na sociedade contemporânea. Ferrari oferece uma análise crítica e perspicaz, alertando para os perigos do uso indiscriminado da IA e destacando a necessidade urgente de regulamentação e controle democrático sobre essas tecnologias. *A era do prompt* é recomendada para pesquisadores, acadêmicos, profissionais de tecnologia, jornalistas e formuladores de políticas públicas interessados em compreender as implicações éticas, sociais e políticas da IA. A leitura também é essencial para aqueles preocupados com a preservação da democracia e da integridade histórica frente às novas formas de manipulação e controle digital.

Recebido: 24 de maio de 2024

Aceito: 26 de janeiro de 2025

Publicado: 26 de março de 2025